

O TEMPO DO BEM

Josimey Costa da Silva

Houve um tempo do bem.

Lembro-me com exatidão: as pessoas passavam umas pelas outras como se escavassem tesouros, maravilhadas pela cintilação que descobriam. Os gestos eram de minueto, fluidos e gentis, cumpriam um tempo musical inaudível que sincronizava as emoções de todos, orquestrando salamaleques para os dias e as noites, que deveriam ser sempre bons. Os cachorros nunca eram chutados, os gatos não eram abandonados às portas com os olhos ainda fechados de tão imaturos e as plantas eram chás, saladas, bosques, matas, florestas e não entulhos no meio de terrenos arados para a semeadura de prédios estéreis.

Nesse tempo, as vozes eram sussurros para não despertar os muitos recém-nascidos ou eram cílios para acordar as chances de vários outros nascerem. Os homens falavam às mulheres e lhes diziam das delícias que juntos poderiam inventar. As mulheres falavam às crianças, que não estavam nas ruas. As barrigas infantis, quando infladas, o eram suavemente pela comida cálida e saborosa, não por fetos postos ali como um cruel engodo de gerações, desde já abandonados ao sol e à chuva para que ressecassem junto com os corpos brevemente luzidios de suas mães. A fome, dizem, é uma mulher desgrenhada e lamuriosa, que não desperta apetite algum; ela apenas dói. Seu rosto encovado não aparecia para nenhuma criança no tempo do bem, nem assombrava os velhos que já a tinham espantado da vida de muitos jovens. E esses velhos não eram ridículos, não fediam mais do que deviam em suas idades, não eram monótonos nem desnecessários, ainda que não fossem santos. Eram queridos e eram gente.

O tempo do bem desconhecia as guerras, embora não fosse isento de doenças e de morte. Os acidentes eram acidentes, não destino. As doenças faziam do doente um ardoroso apreciador da vida, merecedor da dádiva de adiamento da morte. Quando a vida, que resiste até o fim, então findava, era com um reconhecimento de irmã que cede a vez porque já é o momento de ceder. Nenhum doente morria antes do tempo porque não precisava pagar antecipadamente pelo direito de viver. Ninguém reconhecia no dinheiro um valor superior ao da vida: nem governos ou empresários, nem hospitais ou médicos, muito menos o próprio doente.

Eu vivi num tempo assim.

A minha casa era sempre cheia de gente, mas havia respeito aos segredos e às vontades. Os risos eram um som constante, mas os choros não faziam todos desaparecerem e nem perduravam mais do que o preciso para lavar a angústia antes que virasse desespero. Os silêncios não eram depressivos nem raivosos, estavam tão grávidos de significados como a palavra de um poeta; era só esperar para que isso viesse à luz. Os corpos eram acolhidos para que seus medos e solidão se dissolvessem como chocolate no banho-maria do afeto.

Quando saí da minha casa, ganhei a rua, os salamaleques gentis e os tesouros mapeados por esses gestos. Eu ouvira falar do sarcasmo e da ironia ferina, da hipocrisia nefasta e do ódio gratuito. Eram ecos distantes de um futuro apenas possível. O presente no tempo do bem sonhava as suas metáforas, se drogava de arte e literatura e se transcendia no amor. No amor visceral e também no sublime, no tímido e no espraiado, em todos. Não era preciso mendigar amor, também não havia razão para negá-lo. De tal modo o amor estava

entranhado no corpo que incensava a alma. Ou seria o contrário? Fazer muito o amor do corpo tornava a alma amante e amável, ou amar abundantemente com toda a alma era o que convidava o corpo a fazer amor? Talvez amar com o corpo tornasse os outros corpos amáveis, e amar com a alma fizesse, das outras almas, amantes. Com certeza, afastava a indiferença, contrário absoluto do amor.

Hoje, pergunto-me se esse tempo é, como sugerem os verbos da minha reminiscência, resquício de um paraíso para sempre perdido nas areias movediças dos afetos humanos. O presente mostra apenas os oásis de um tempo assim, fragmentos que se imiscuem na paisagem, aqui e ali, quase invisíveis, seguramente escassos. Antes que perdurem, são engolfados por tempos que admitem a indiferença, esse desamor. A memória torna-se então um híbrido de idílio e fantasias que, se não eram um tempo passado, também não são o presente contínuo. Seriam apenas um futuro do pretérito que nunca existiu?